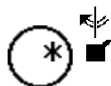


NOSSA COR: O ENCONTRO COM HUMANÆ E ANGÉLICA DASS

Our color: the encounter with Humanæ and Angélica Dass



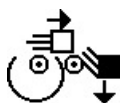
Joana Lyra¹
(INES)



Lucia Vignoli²
(INES)



Milena Quattrer³
(INES)



¹Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; jlyra@ines.gov.br

²Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; mmoraes@ines.gov.br

³Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; mquattrer@ines.gov.br



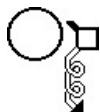
Marcelo Cucco⁴

(INES)



Juliana Cavassin⁵

(INES)



Anna Martha Tuttman Diegues⁶

(INES)



RESUMO

Apresenta-se um relato afetivo e visual sobre projetos artísticos realizados pelo Núcleo de Artes do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) baseado, sobretudo, na experiência vivenciada com a artista Angélica Dass na instituição. Os resultados materiais foram: um vídeo com imagens do processo, no qual a letra da música Nossa cor, na edição, traz mais uma camada de significado; a pintura de um mural no pátio do INES e a confecção coletiva de um painel de autorretratos dos alunos. Além da materialidade, a experiência possibilitou a vivência de uma pedagogia da autonomia, refletindo e transformando os agentes envolvidos a partir da perspectiva dialógica, coletiva e de empoderamento identitário surdo e discussões acerca do racismo na busca de ações afirmativas para combatê-lo.

Palavras-chave: Arte; Cor; Identidade; Comunidade; Educação com surdos .

ABSTRACT

It presents an affective and visual report on activities carried out by the Núcleo de Artes of the National Institute of Education for the Deaf (INES) based, above all, on the experience lived with the artist Angélica Dass in the institution. The material results were: a video with images of the process with the song Nossa cor; the painting of a mural in the courtyard of INES and the collective making of a panel of self-portraits of the students. In addition to materiality, the experience enabled the experience of a pedagogy of autonomy, reflecting and transforming the agents involved from the dialogical, collective perspective and deaf identity empowerment and discussions about racism in the search for affirmative actions to combat it.

Keywords: Art; Color; Identity; Community; Education with the deaf.

⁴Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; marcelopcucco@ines.gov.br

⁵Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; jcavassin@ines.gov.br

⁶Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; amartha@ines.gov.br



LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK:
<https://youtu.be/LF4Sbth3CI4>



Nossa Cor

Este projeto iniciou-se em 2018 com a pintura do muro do pátio do INES, nomeado Nossa Cor, feita pelos alunos do segundo segmento do ensino fundamental e do ensino médio (Fig. 1). Com respeito à dignidade e autonomia do educando, como nos conduz Paulo Freire, partimos de estudos sobre o corpo em obras de grafites urbanos, produzidos nos anos 1980, do artista norte americano Keith Haring. Sua produção gráfica, com referências da pop arte, sobre os muros na cidade de Nova Iorque, influencia ainda hoje vários artistas contemporâneos. A partir do desenho de figuras baseadas nos trabalhos de Haring foram feitos 'brinquedos óticos' simulando animação e movimentos, processo de 'aquecimento' das ideias sobre o corpo.



Fig.1: Pintura do muro em processo

A possibilidade de intervir nos espaços da escola, fora das salas de aula, é uma proposta que valorizamos, entendendo a escola como um corpo vivo, estabelecendo constante diálogo e partilha entre toda a comunidade escolar. Nessa criação coletiva apostamos na pedagogia da autonomia, assumindo uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização, promovendo reflexões das quais surgiram questões sobre identidade, diversidade e representatividade que foram complementadas pelos estudos da obra *Humanæ* de Angélica Dass, artista brasileira que vive na Espanha (Fig. 2).

Humanæ é um trabalho fotográfico em andamento da artista Angélica Dass, uma reflexão inusitadamente direta sobre a cor da pele, tentando documentar as verdadeiras cores da humanidade em vez dos falsos rótulos “branco”, “vermelho”, “preto” e “amarelo”, associados à raça. É um projeto em constante evolução, que procura demonstrar que o que define o ser humano é a sua incontornável singularidade e, portanto, a sua diversidade. (Dass, A. s/d).



Fig. 2: Obra *Humanæ*, projeto fotográfico em andamento desenvolvido pela artista Angélica Dass. (Fonte: Dass, A. s/d)

Para o desenvolvimento da obra *Humanæ*, Angélica Dass faz um retrato fotográfico de voluntários de diferentes idades, gêneros, etnias e nacionalidades, e seleciona uma amostra de cor de 11x11 pixels na área do nariz desse voluntário fotografado. Tal amostra de cor é então combinada com a paleta industrial Pantone®. E então, a artista colore digitalmente o fundo do retrato com a amostra de cor obtida nessa comparação. Interessante perceber como pessoas de etnias diversas apresentam a mesma numeração da escala de cores.

A partir dessas referências, estudamos a imensa coleção de fotografias de indivíduos de várias nacionalidades e seus tons de pele diversos, relacionados à escala industrial, num diálogo sobre si e o encontro com o outro. Com um molde de corpo humano, em papel cartão, os alunos desenharam-se sobre o muro, e, misturando as cores, encontravam o tom de suas peles, atividade que gerou interesse e diálogo, em cujas conversas emergiram mais questões reflexivas como: gênero, violência contra mulher e desigualdade, mostrando novamente que a educação, numa convivência amorosa com os alunos, abre-se para uma postura curiosa que assume e os provoca a se assumirem como sujeitos sócio-histórico-culturais. (Fig. 3, 4 e 5).



Fig. 3, 4 e 5: Confeção dos tons de pele e pintura no muro dos corpos em movimento

A comemoração do dia do surdo em 26 de setembro (mês conhecido por isso como “setembro azul”) estava próxima, e essa cor, em variados tons, foi escolhida para compor o fundo do mural em homenagem à data, como se vê nas imagens. (Fig. 6 e 7)



Fig. 6 e 7: Compendo azuis e seus matizes em homenagem ao Setembro Azul

Além desse mural, registros de filmes e fotos foram editados num vídeo homônimo da canção *Nossa cor*, de Sérgio Santos, cuja letra é uma reverência à influência negra na cultura brasileira. Buscamos com isso, além das reflexões, construir novos caminhos de práticas que nos permitam não apenas reconhecer a discriminação racial e assumir a responsabilidade pela mudança dessa realidade, como também valorizar e divulgar a beleza e a riqueza da nossa cultura brasileira de matriz africana. “Ô, por aqui quem se criou; Misturou-se um a um.; Não haja alma branca ou luto negro; Seja pra todos ou pra nenhum; Por Obatalá, Orixalá nos quer; Como nos fez Olorum; Esse é meu Brasil de fé”. (SANTOS, 2001)

O Vídeo *Nossa cor*, narrativa visual do processo de criação no mural, pode ser visto no site do Departamento de Ensino Básico do INES - DEBASI - no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=bLcYkUXNhRI>, numa ação que se desdobra além do tempo de

criação dessa obra. Na narrativa em língua de sinais traduzida para a língua portuguesa, a aluna Raíssa Coimbra, sobre sua criação, nos descreve a sereia borboleta:

Oi! Meu nome é Raíssa e meu sinal é esse. Eu estudo aqui no INES. Eu fiz esse desenho e essa pintura. O que são? São mãos sinalizando em Libras. As cores representam uma união sem desigualdade. Esse símbolo representa a mulher que sofre estupro. Com mulher é assim. Acontecem essas coisas. Os olhos representam as pessoas cegas. E essa imagem representa as pessoas que têm olhos de cores diferentes. Aqui representa a Libras, que eu amo! Mas, o que é tudo isso? A união. A sereia, que se sente seduzida pela língua de sinais, sem preconceito. Todos: branco, moreno, indígena, amarelo... todos misturados e unidos a partir do visual. (Registro Do Projeto, 2018).



Fig.8: Aluna Raíssa Coimbra e a sereia borboleta

Instigados pela posição de enunciadores da própria história e experiência, narradores com voz e passíveis de serem escutados, os alunos surdos se colocam. Ouvir suas histórias, desejos, demandas, anseios, ignorâncias, preconceitos - assim como os nossos próprios - tem nos ajudado a nos dar conta de que educação é política e processo: política no sentido de afirmar nossas existências, identidades, histórias, culturas e singularidades como positivas e afirmativas; processo no sentido de que por meio dela podemos devir outros de nós mesmos, transformar nossos modos de ser, compreender e plasmar a nós mesmos e ao mundo. (Gomes da Silva & Ribeiro, 2022, p.15).

1 Angélica Dass

Nos dois anos da pandemia, realizamos conversas e partilhas entre o grupo Artegestoação⁷, sediado no INES, e contatos com a artista pelas mídias sociais. A assessoria de Angélica nos comunicou da sua vinda ao Brasil e o interesse de partilhar com os alunos

⁷ O grupo Artegestoação, sediado no INES, foi criado em 2016, e é constituído por pesquisadores, docentes e estudantes, de diferentes instituições de ensino e pesquisa do Rio de Janeiro - INES, IFRJ, Colégio Pedro II e Instituto de Artes da UERJ - com o desafio de pesquisar e propor práticas e ações pedagógicas transdisciplinares em educação com surdos, na interface com a linguagem artística, outras linguagens e áreas do conhecimento. O grupo se alinha com a ideia de transbordar fronteiras disciplinares e práticas curriculares como movimento pedagógico necessário na tessitura de uma pedagogia visual em educação bilíngue de surdos. Assim, dialoga com diferentes campos e disciplinas (Língua Portuguesa, Pedagogia, Linguística, Libras, Agroecologia, Design, Biologia, Artes, Filosofia, Sociologia) na afirmação de um transdisciplinar marcado pela experiência poética e singular da alteridade e da diferença.

uma roda de conversa seguida de oficina. Em 2022, recebemos Angélica no Núcleo de Artes (Fig. 8) e a artista nos possibilitou conhecer a história do projeto *Humanæ*, entrelaçadas a sua narrativa de vida, suas impressões e desejos.

Trazemos aqui o percurso dessa vivência através de um memorial visual com imagens da ação. Os alunos de todos os segmentos, orientados por ela, misturaram guache nas cores vermelha, verde e amarela, 'cores primárias', para investigar e criar variadas cores de pele em autorretratos que constituíram um grande painel com divertida gama de expressões, diversidade, representatividade e comunhão (Fig. 9).



Fig. 9: Roda de conversa com Angélica Dass realizada em 2022, no Núcleo de Artes do INES.
Fonte: Própria



Fig. 9 e 10 : Angélica Dass orienta os alunos na mistura de guache nas cores vermelha, verde e amarela no processo de investigação e criação das cores de pele. Fonte: Própria



Fig. 11 e 12: Com auxílio de um espelho, o aluno compara sua própria cor de pele com a cor obtida por ele a partir da mistura de tintas guaches proposta por Angélica Dass. Fonte: Própria

Uma proposta de ação concreta que estimulou o autoconhecimento e empoderamento tão necessário contra práticas antirracistas, como nos ensina Ribeiro (2019, p.13): “A prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas”. Alguns alunos também escreveram palavras nos autorretratos, reflexões sobre racismo -- revelando a potente relação entre imagem e palavra -- numa compreensão prática de que essa experiência educacional atua na dimensão social da formação humana, de acordo com a pedagogia da autonomia.

Dessa forma, os pilares que balizaram esse projeto foram: conversas como metodologia de pesquisa, como já nos apontaram Ribeiro, Sampaio & Souza (2018), e dispositivo disparador da produção em arte; senso de amizade e comunidade; aposta na liberdade no exercício do encontro e partilha, atravessados pela potência de transitar entre línguas, vivenciando e lutando por uma educação antirracista, bilíngue, anticapacitista e afirmando a força da pedagogia surda. Pilares de uma pedagogia da autonomia, que, em sua autenticidade, busca o caminho necessário para a justiça e paz com ética crítica, competência científica e amorosidade autêntica.

2 Caminhos e fundamentos

A pedagogia da autonomia (1996), que Paulo Freire propõe, nos ensina que ensinar não é apenas uma transferência de conhecimento feito do educador para os alunos, como abundantemente se pratica nas relações educacionais. Trata-se de uma aventura criadora, como foi essa experiência e ainda é, pois os afetos se desdobram até os dias presentes, assim como as questões relevantes no âmbito dos saberes pedagógicos, levantadas por esse mestre na década de 60, ressoam até hoje (e por isso o temos aqui como importante referencial teórico, mas, sobretudo, a teoria posta em prática).

Nessa perspectiva, percebemos que educar é uma demonstração de perseverança, ousadia e crença nos seres humanos, e não apenas um conjunto de conteúdos obrigatórios

para a organização programática e/ou para o desenvolvimento da formação do professor, visão muitas vezes cristalizada pela prática escolar que impede o real exercício da pedagogia da autonomia. Rompemos, assim, com concepções e práticas que negam a compreensão da educação numa perspectiva filosófica mais profunda, que estude o próprio conhecimento humano e não apenas reproduza o modelo neoliberal e opressor da sociedade globalizada em que vivemos.

Nesse contexto em que o ideário neoliberal incorpora, dentre outras, a categoria da autonomia, é preciso também atentar para a força do seu discurso ideológico e para as inversões que podem operar no pensamento e na prática pedagógica ao estimular o individualismo e a competitividade. (Oliveira in Freire, 1996, p. 11).

Na pedagogia da autonomia há competência técnico-científica e rigor do professor de modo compatível com a afetividade das relações educativas; não há medos e nem mitos em torno do educador. Preconiza-se uma ampliação e diversificação das fontes legítimas de saberes e a necessária coerência entre o “saber-fazer e o saber-ser-pedagógico”, onde o saber-fazer da autorreflexão crítica e o saber-ser da sabedoria são exercitados permanentemente e ajudam a fazer a necessária leitura crítica de causas da degradação humana e da razão de ser no discurso fatalista em torno da globalização.

Dessa forma, Freire denuncia o mal-estar que vem sendo produzido pela ética de mercado global e anuncia a solidariedade, enquanto compromisso histórico dos seres humanos, como uma das formas de luta capaz de promover e instaurar a ética universal dos seres numa dimensão utópica de possibilidade. Buscamos segui-lo e, nessa vivência com Angélica Dass, a abordagem contra a opressão se foca na luta antirracista, visto que é urgente questionar o sistema de privilégios mantidos por certos grupos sociais. Para isso se faz necessário praticar o exercício de percepção (e a Arte em essência promove isso) que pode transformar as situações de violências que muitas vezes sequer são questionadas. Por uma ética da amizade, permeadas pela conversa como dispositivo para disparar as ações práticas, fomos compreendendo a força do projeto *Humanæ*.

Na amizade há uma conversa feita com palavras e sem palavras: a manifestação extrema do estar, que não admite cognição nem superposição nem autoridade. Trata-se de uma existência com a qual se pode contar na presença e na ausência: a proximidade nunca é suficiente, a distância nunca é demais. Trata-se de uma relação essencial, em que conhecer não é apenas uma opção entre várias, mas, a própria vontade de renunciar a conhecer, de declinar a interpretar, traduzir ou explicar: uma relação, então, na qual a voz de um e de outro se escutam mutuamente. (Skliar, 2014, p. 49).

3 Direções

A experiência aqui narrada demonstrou coerência entre discurso competente e ações pedagógicas permeadas de mudanças (Freire, 1996), pois, além da materialidade resultante, a produção de conhecimento nesse processo se revelou em questões estruturais (como o racismo e o fortalecimento da identidade surda) sendo modificadas a partir da pedagogia da

autonomia, que o Núcleo de Artes busca promover.

Percebemos avanços provocados, principalmente, pelas leis 10.639/03 e 11.645/08 na ruptura da prevalência da cultura eurocêntrica no ensino de arte, porém, muitas sensibilidades ainda precisam ser discutidas e afirmadas, visto que o racismo alimenta desigualdades e abafa sentimentos de pertencimento. *Nosso Mural*, confeccionado com *Nossa Cor*, alimentado pela poética de Angélica Dass, convida a refletir e enfrentar os desafios que se apresentam no cotidiano.

Pelo viés institucional, esta Lei abre a possibilidade de reparação no espaço escolar marcado por anos de folclorização e silenciamento da História e Culturas Africanas e Afro-brasileira nos currículos amparando legalmente aqueles que inserem a temática afro-brasileira no currículo, podendo abordá-la sem medo de represálias ou sanções do poder público e privado. (Rodrigues, 2016, p. 42).

Como Djamila Ribeiro (2019) afirma, para que ocorram mudanças estruturais em nossa sociedade não basta autoafirmar-se “não racista”, pois a inação contribui para perpetuar a opressão. É preciso combater ativamente o racismo. E essa é uma luta de todos, como demonstra a autora, visto que o racismo foi inventado pela branquitude, que deve responder por ele.

O termo branquitude não se refere às pessoas em suas singularidades; trata-se de uma categoria social, que se refere a um lugar de vantagens simbólicas, subjetivas e materiais disponíveis para as pessoas identificadas como brancas em uma sociedade onde o racismo é estrutural. Essa identificação no Brasil é fenotípica, ou seja, se dá pela estética e não pela constituição genética (genótipo). (Pinheiro, 2023, p.40).

Ressalta-se que, ainda hoje, o termo ‘cor de pele’ é muito aplicado para denominar um tom de laranja usado para colorir as áreas de pele em figuras humanas, refletindo explicitamente o racismo da sociedade. O termo vem sendo discutido e desconstruído pelo Núcleo e o encontro e vivência com Angélica Dass provocou importante aprofundamento nesse debate, revelando o interesse dos professores e alunos em investigar e reproduzir as próprias cores de pele, explorando diferentes materiais e suportes.

A descrição pessoal de Dass sobre como nasce o projeto *Humanæ*, permeada por narrativa íntima, nos leva ao que bell hooks afirma sobre a educação como prática da liberdade, na qual os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. (2018) A partir de nossas leituras e das aprendizagens vividas com os estudantes surdos, compreendemos o cotidiano escolar como espaço/tempo privilegiado de escuta, descoberta e aprendizado, o que não nega toda a tensão e ambivalência que o constituem. Todavia, se aí há reprodução e reafirmação do “assim das coisas”, há também inventividade, criação e (re)invenção do mundo, das relações e da própria vida. E não falamos de criação e invenção apenas como próprios do professor. A todo o tempo e o tempo todo, os alunos com os quais trabalhamos nos dão a pensar, são sujeitos potentes na nossa formação, como nas cenas narradas a seguir. (Ribeiro et al., 2021,p.96).

4 Em circularidade

Paulo Freire (1996) nos fala de uma educação que é respeito, sem prescrições ou regras a seguir, na qual a postura pessoal e epistemológica do educador possibilita a abertura para o desenvolvimento da cognição, a intenção de gerar a apreensão, compreensão e apropriação do saber. Pudemos perceber isso com o desenvolvimento da experiência aqui narrada, onde a consciência e empoderamento da cultura surda e das questões acerca do racismo levam ao entendimento de que não existe hierarquia de culturas, mas sim culturas paralelas, distintas e socialmente complementares, que precisam ser conhecidas e vivenciadas para serem admiradas, respeitadas e, sobretudo, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa a partir de mudanças estruturais de desigualdades. Esse é o papel do educando, aqui representado pelos professores do núcleo de artes e também pelos colegas de trabalho envolvidos no processo, como os cuidadores, intérpretes e a ilustre artista Angélica Dass.

Confluem investigadores e suas camadas das diversas pedagogias: da autonomia de Freire (1966); visual em Campello (2007); como prática da liberdade por hooks (2017); pela conversa presente em Ribeiro, Sampaio e Souza (2018); as investigações-vida de Godoy, Ramallo e Ribeiro (2023) e a potência da pedagogia surda, no exercício da ampla escuta como nos aponta Vilhalva (2004), pedagogia esta que se ancora na visão e percepção tridimensional do mundo, numa língua corporal, viso-espacial em constante mudança, na qual narrativas de surdos sinalizantes mais velhos constituem patrimônio da cultura surda.

A vivência nos mostrou, no contexto plural das culturas surdas, que o racismo é um sistema de opressão que nega direitos e não apenas um ato voluntário e/ou individual. Ele é estrutural e estruturante em nossa sociedade, presente em variadas situações, como em ambientes de estudo, trabalho, na violência racial cotidiana, na cultura, nos desejos e afetos... que criam desigualdades, fraturas e paralisias. Combatê-lo é urgente e se faz em atitudes diárias, numa luta de todos. (Fig. 13).

E aqui insistimos: uma educação, uma escola, uma relação educativa em que seja possível conversar, trocar, refletir, pensar e criar juntos... porque pensar, conversar e fazer coisas juntos tem a ver com o reconhecimento mútuo de nossa humanidade, de nossa alteridade, de nossa singularidade: nossa condição e modo de estar no mundo (Gomes da Silva & Ribeiro, 2023, p. 14)



Fig. 13: Humanidade, diversidade, alteridade, singularidade.

Referências:

- CAMPELLO, A R e S. Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos. In: QUADROS, Ronice Muller; PERLIN, Gladis (Orgs.). *Estudos Surdos II*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.
- DASS, Angélica. *Humanæ*. Disponível em: <<https://angelicadass.com/photography/humanae/>>. Acesso em: 1 ago. 2023.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. GODOY, R.; RAMALLO, F.; RIBEIRO, T. *Investigaciones-vida: conversar, escuchar, constelar*. Rio de Janeiro, Brasil: Ayvu, 2023.
- GOMES DA SILVA, A.; RIBEIRO, T. *Interseccionalidades e surdez, em busca de um bilinguismo antirracista e anticapacitista*. Revista Espaço do Currículo. [S.l.], v. 15. n. 1, p.1 - 16, 2022. Disponível em: [<Http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/view/62845>]. Acesso em 4 jul. 2023.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- PINHEIRO, B C S. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- RIBEIRO, T.; SAMPAIO, C.; SOUZA, R. Conversa como metodologia de pesquisa, uma metodologia menor? / In: Tiago Ribeiro, Rafael Souza e Carmen Sanches Sampaio. (orgs.). *Conversa como metodologia de pesquisa, por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.
- RIBEIRO, T.; GOMES DA SILVA, A.; VIGNOLI, L.; LYRA, J. Cartografía de afectos: tejiendo escuelas posibles entre encuentros, vidas y lenguas. In: Carina Rattero...[et al.]. *Ensayos sobre educación y alteridade*. Goya: Arandu, 2021.
- RODRIGUES, M E. *Silenciando a cor: o trato pedagógico da cultura afro-brasileira no ensino de artes do município do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.
- SANTOS, S. Nossa Cor. In: SANTOS, S. *Áfrico- Quando o Brasil resolveu cantar*. [CD], Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2001.
- SKLIAR, C. *A escuta das diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2019.
- VILHALVA, S. *Pedagogia surda*. Petrópolis: Arara Azul, 2004.